


ECOS DE LIBERDADE: GÊNERO, RAÇA E CLASSE DO BRASIL COLÔNIA À ATUALIDADE

 10.5935/2177-6644.20220046

ECHOES OF FREEDOM: GENDER, RACE
AND CLASS FROM BRAZIL COLONY TO
THE PRESENT

ECOS DE LIBERTAD: GÉNERO, RAZA Y
CLASE DESDE EL BRASIL COLONIAL
HASTA EL PRESENTE

Amanda Padilha Pieta *

 <https://orcid.org/0000-0002-3592-1251>

Resumo: O poema *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo (2008), pontua questões de gênero, raça e classe conforme se apresentam vivências ancestrais em diferentes períodos históricos. A partir dos Estudos Literários, Culturais e de Gênero, analisou-se esses marcadores no poema, refletindo, por fim, sobre racismo, sexismo e classismo enquanto estruturas que ainda reverberam nas práticas sociais no Brasil.


Palavras-chave: Poesia. Gênero. Raça. Ancestralidade. Resistência.

Abstract: The poem *Vozes-Mulheres*, by Conceição Evaristo (2008), punctuates gender, race and class issues as ancestral experiences in different historical periods are presented. Based on Literary, Cultural and Gender Studies, these markers were analyzed in the poem, finally reflecting on racism, sexism and classism as structures that still reverberate in social practices in Brazil.

Key-words: Poetry. Gender. Race. Ancestry. Resistance.

Resumen: El poema *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo (2008), puntualiza cuestiones de género, raza y clase a medida que se presentan experiencias ancestrales en diferentes períodos históricos. Con base en Estudios Literarios, Culturales y de Género, estos marcadores fueron analizados en el poema, reflexionando finalmente sobre el racismo, el sexismo y el clasismo como estructuras que aún repercuten en las prácticas sociales en Brasil.

Palabras-clave: Poesía. Género. Raza. Ascendencia. Resistencia.

* Doutoranda em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).  <http://lattes.cnpq.br/5922694327312731> - E-mail: amndpieta@gmail.com.

Aquecendo a voz

Conceição Evaristo traz em sua literatura profundas reflexões acerca das questões de gênero, raça e classe, com o objetivo de denunciar as desigualdades através da rememoração da história da população negra e de suas lutas por uma sociedade mais justa e igualitária. Segundo a autora, “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21). O termo “escrevivência” é um neologismo criado pela autora para definir a escrita que se mistura com as vivências, em especial, as referentes a suas memórias e do povo afro-brasileiro. Em entrevista concedida ao programa *Roda Viva* (2021), da TV Cultura, a escritora pontua que “não se pode pensar a escrevivência como uma escrita narcísica, porque ela não é a história de um sujeito, mas reflete a história de uma coletividade”. A escrita é, para ela, uma forma de resistir à realidade, tal como outra relevante escritora negra brasileira, Carolina Maria de Jesus, cujo diário mantido nos anos 1950 a ajudava a expressar as condições miseráveis de sua vida na favela.

O poema *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo (2008), já em seu título nos dá a noção de uma enunciação tipicamente feminina. O hífen que liga as palavras “vozes” e “mulheres” no título confere um sentido de unidade entre os termos, como se todas essas vozes estivessem conectadas pela condição de ser do mesmo gênero. Linda Nicholson (1999, p. 53) explica que o gênero geralmente é usado em oposição a sexo, para “descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado” e que isso “tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/ feminino”. Nota-se também que as palavras do título do poema encontram-se no plural. Portanto, é um grupo de mais de uma voz que, apesar de estarem unidas, podem não ser iguais entre si, embora possam ter pontos em comum. A noção de gênero “permite às feministas assumir tanto as diferenças entre mulheres quanto o que elas têm em comum” (NICHOLSON, 1999, p. 56). Essa multiplicidade de mulheres faz com que tenhamos hoje uma tendência pós-moderna de feminismos, no plural, reconhecendo o fator da diferença como uma recusa da hegemonia de um tipo de feminismo sobre o outro.

Judith Butler (1998) discute essa desconstrução do sujeito universal feminista. Ela compreende “a própria categoria do ‘universal’ como o lugar de insistente disputa e ressignificação” (BUTLER, 1998, p. 17). A filósofa não censura a utilização do termo mulher como sujeito do feminismo, mas pontua que problematizá-lo pode “emancipá-lo das ontologias maternais ou racistas às quais esteve restrito e fazer dele um lugar onde os significados não antecipados podem emergir” (BUTLER, 1998, p. 25). O feminismo negro de Evaristo, expresso em forma de

denúncia das desigualdades e de luta contra o racismo nos versos do poema *Vozes-Mulheres* é uma das vertentes em meio a um universo que abarca outras reivindicações feministas, como a do direito ao próprio corpo e a do direito a melhores salários no mercado de trabalho, por exemplo.

Ao analisar um texto literário em uma perspectiva histórica e cultural é necessário contextualizar o discurso contido nela considerando as condições de sua produção. Com o advento dos Estudos Culturais, nos anos 1960, a literatura deixa de ser autossuficiente e os textos literários passam a ser lidos enquanto objetos culturais que agregam um feixe de elementos externos, podendo estes serem biográficos, ideológicos e históricos. Segundo Maria da Glória Bordini (2006, p.14),

[...] o método de trabalho dos Estudos Culturais partiu da análise literária para a cultural. Supõe uma primeira etapa atenta a toda espécie de elementos de linguagem, ênfases, repetições, omissões, imagens, ambiguidades, personagens, incidentes, enredo e tema. Isso é feito não pelo elemento em si, mas tendo em vista sua funcionalidade ao mesmo tempo estética, psicológica e cultural. Essa é determinada como decorrente do intercâmbio de necessidades provenientes da estrutura formal, de necessidades psicológicas oriundas do tipo de indivíduo que escreveu a obra e de necessidades culturais de um certo tipo de sociedade, num certo período. A segunda etapa determina o campo de valores socioculturais que a obra selecionou, refletiu, transformou ou rejeitou.

Autora do poema *Vozes-Mulheres*, Maria Conceição Evaristo nasceu em 1946 em uma favela de Belo Horizonte. Mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970, onde ingressou no curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1996, defendeu a dissertação de mestrado intitulada *Literatura Negra: uma poética da nossa afro brasilidade*, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No doutorado, pela Universidade Federal Fluminense, Evaristo passa a estudar literatura comparada, investigando a produção de autores africanos de língua portuguesa em contraste com a literatura afro-brasileira. Mulher, negra e advinda de classe social baixa, a escritora marginalizada pela sociedade em, no mínimo três interseccionalidades, desde então, destaca-se com a publicação de poemas, contos e romances – sendo *Ponciá Vicêncio* (2003) sua obra mais conhecida, cujo enredo permeia os sonhos, desilusões e lutas da infância de uma menina pobre e descendente de escravos. Atualmente é uma das principais expoentes da literatura brasileira e afro-brasileira. Conceição também viabiliza espaços para outras mulheres negras adentrarem na produção literária e, para isso, ministra palestras sobre empoderamento feminino pelo país.

Isto posto, pretende-se, nas páginas seguintes, analisar o poema *Vozes-Mulheres*, observando o sexismo, o racismo e o classismo como estruturas que marcam profundamente a história do Brasil. Através da utilização desses marcadores como categorias de análise, a partir das perspectivas dos Estudos Literários, Culturais e de Gênero, enfatizou-se a interseccionalidade no cruzamento da

interpretação sobre como gênero, raça e classe constituíram e constituem sujeitos e práticas sociais no país.

Se fazer ouvir

No desenrolar do poema *Vozes-Mulheres*, vemos que a autora descreve vivências enunciadas por cinco gerações: a bisavó, a avó, a mãe, o próprio eu lírico e a filha. Conforme o tempo vai passando, lutas sociais vão se desenvolvendo, a condição da mulher negra se altera, mas, ainda assim, o preconceito persiste, tal como se observa no poema, trazido na íntegra na sequência.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, 2008)

A primeira ancestral é a bisavó, cuja voz ecoa lamentos nos porões do navio ainda criança - era um jovem escravizada trazida da África à força para o Brasil. A discriminação de raça nasce

com o Colonialismo, quando estrangeiros brancos têm contato com as práticas de outras culturas – negras e indígenas – que por serem diferentes das europeias – diferenciação marcada já em relatos como a carta de Pero Vaz de Caminha, considerado o primeiro documento escrito da história do Brasil – são tratadas com inferioridade pelos “descobridores”. “Tal processo se desenvolveu no terreno fértil de toda uma tradição etnocêntrica pré-colonialista que considerava absurdas, supersticiosas ou exóticas as manifestações culturais dos povos ‘selvagens’” (GONZALEZ, 2020, p. 129). A filósofa Djamila Ribeiro, em seu livro *Pequeno Manual Antirracista* (2019, p. 35-36), argumenta que

[...] até serem homogeneizados pelo processo colonial, os povos negros existiam como etnias, culturas e idiomas diversos – isso até serem tratados como ‘o negro’. Tal categoria foi criada em um processo de discriminação que visava o tratamento de seres humanos como mercadoria. Portanto o racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele.

É importante também relacionarmos neste ponto a questão da desigualdade sexual, visto que, no caso das mulheres negras, historicamente seu gênero se configura como um fator a mais para a opressão, pois além do tratamento desumano enquanto escravizadas, “muitos dos ‘casamentos inter-raciais’ nada mais foram do que o resultado da violentação de mulheres negras por parte da minoria branca dominante (senhores de engenho, traficantes de escravos, etc.)” (GONZALEZ, 2020, p. 50). Por ser um país colonizado por portugueses e espanhóis, o Brasil herdou muitos dos valores viris europeus, que “foram aqui reproduzidos em hierarquias étnicas, as quais favoreciam o homem branco colonizador. Além da população feminina branca, rara, foram submetidas as jugo sexual tanto índias, quanto negras” (ZANELLO, 2018, p.195).

Por muito tempo e ainda hoje percebemos os reflexos dessa opressão de gênero e raça. Segundo a terceira edição do relatório *Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil* (FBSP; DATAFOLHA, 2021, p. 21), uma em cada quatro mulheres brasileiras com mais de 16 anos de idade afirmam ter sofrido algum tipo de violência ou agressão no ano de realização da pesquisa. O documento informa, ainda, que “em relação ao perfil racial, mulheres pretas experimentaram os maiores níveis de vitimização (28,3%), seguidas das pardas (24,6%) e das brancas (23,5%)” (FBSP; DATAFOLHA, p. 23).

O racismo estrutural reverbera também nas profissões, quando nota-se que aquelas com menor remuneração seguem sendo destinadas majoritariamente a pessoas pretas e pardas, afinal “raramente se veem afro-brasileiros trabalhando em bancos, restaurantes, companhias aéreas, grandes lojas ou outras profissões que exijam contato direto com o público” (GONZALEZ, 2020, p. 66-67). Como funcionárias, pessoas negras são, portanto, subordinadas nas atividades laborais,

chefiadas por sujeitos de poder aquisitivo muito maior do que elas. São funções como a da avó, a segunda voz a aparecer no poema, que “ecoou obediência/ aos brancos-donos de tudo”.

A próxima voz no poema de Evaristo é a da mãe. Segundo Remenche & Sippel (2019, p. 49), esta voz remete à “memória dos negros recém-libertos, mas que foram rejeitados dos centros urbanos e destinados à exclusão, à pobreza, à marginalização e aos becos e favelas”. Como empregada doméstica “no fundo das cozinhas alheias/ debaixo das trouxas/ roupagens sujas dos brancos”, a mãe representa os negros na relação hierárquica entre as raças, pois estes são colocados aqui explícita e metaforicamente abaixo dos pertences dos brancos. Mesmo que ainda em uma posição subalterna, uma fagulha de subversão se inicia quando o tom da voz começa a mudar e esta aparece “revolta” com sua condição em relação aos brancos, introduzindo uma ruptura, apesar de discreta, ecoando “baixinho”.

A historiadora Joan Scott (1990, p. 75) discorre que o gênero “torna-se uma forma de indicar construções culturais – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres [...] uma categoria social imposta sobre corpos sexuados”. Os papéis de gênero normatizados em culturas patriarcais, como a brasileira, remetem a mulher à vida privada - lar e filhos - e o homem à vida pública - trabalho e sustento. Neste sentido, a inserção das mulheres no mercado de trabalho encontrou e ainda encontra barreiras no que tange ao salário e à cargos de liderança. O caso das mulheres negras e pobres é ainda mais complexo, pois para muitas delas trabalhar era e ainda é uma questão de garantir a própria sobrevivência e da família, e não apenas uma forma de realização pessoal e autonomia financeira, como no caso de muitas brancas de classe média a alta. Em 1983, a ativista e pensadora feminista Lélia Gonzalez (2020, p. 67) salientava que “não é por acaso que 83,3% das mulheres negras e 92,4% dos homens negros se concentram em ocupações ligadas ao trabalho manual não qualificado. Ou que quatro quintos da força de trabalho negra exerçam ocupações caracterizadas por baixa remuneração e por baixos índices de escolaridade”.

O caminho até a igualdade ainda é percorrido a passos lentos no Brasil, considerando que o relatório *Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira*, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2021, p. 27), revela que a população negra recebe uma diferença média de rendimentos mensais de R\$ 1.200 a menos que a branca. A diferença salarial entre homens e mulheres, no geral, é um pouco menor, mas ainda significativa, com elas recebendo em média R\$ 600 a menos que eles. Os setores que mais empregam pretos e pardos são Agropecuária, Construção, Comércio e Reparação e Serviços

Domésticos. Ainda que no mesmo nível de escolaridade, como o de pessoas com ensino superior completo, a desigualdade de salários persiste, com pessoas brancas recebendo, em média, R\$ 33,8 por hora trabalhada, enquanto as negras, R\$ 23,4.

As marcas da escravidão permaneceram por gerações e hoje se refletem no preconceito racial ainda muito presente no imaginário e nas práticas sociais dos brasileiros. Quando o eu lírico do poema de Conceição Evaristo toma a palavra e fala de si mesmo, a construção “a voz de”, utilizada anaforicamente no início de cada estrofe anterior, não se repete desta vez, produzindo uma descontinuidade e indicando que algo está para mudar. O eu lírico aqui pontua que acredita que a tendência é que essas marcas não sejam apagadas tão cedo e que seus próprios filhos ainda a recebam como uma pesada herança. Essa memória é “percebida como peça fundamental na construção de identidades e impensável fora da relação entre o individual e o coletivo” (RAMOS, 2011, p. 101), conexões que a própria Evaristo faz no poema, ao falar por si e por todas as pessoas negras, enquanto grupo, ao mesmo tempo. Conceição usa a escrita como sua aliada para denunciar essa realidade, transformando as memórias da escravidão em “rimas de sangue” - representando todos os que morreram sem piedade nesse período - “e fome”, representando a vontade de conquistar a liberdade plena em uma sociedade sem racismo.

Quando o poema chega na voz da filha descobrimos que ela “recolhe todas as nossas vozes/ recolhe em si/ as vozes mudas caladas/ engasgadas nas gargantas”, tal qual a noção de constituição do sujeito pós-moderno que é plural, formado por influências de variados grupos sociais. Butler (1998, p. 18) discorre sobre essa constituição e afirma que “não é o caso de que ‘eu’ esteja acima das posições que me constituíram, saltando de uma para outra instrumentalmente, pondo algumas de lado, incorporando outras [...]. O ‘eu’ que seleciona entre elas já está sempre constituído por elas” e, neste sentido, “nenhum sujeito é seu próprio ponto de partida” (BUTLER, 1998, p. 18).

O protagonismo da filha no poema fica evidente quando percebemos que, ao contrário das outras vozes, a ela foram dedicadas duas estrofes, ao invés de uma – correspondendo a 12 versos da composição, contra 20 versos sobre as outras figuras femininas. Enquanto suas antepassadas ecoavam suas vozes, a filha primeiro as recolhe, para depois fazê-las ressoar. A filha de Conceição representa o resultado de muitas “vozes-mulheres” negras que trazem consigo um histórico profundo de silenciamento, apagamento e menosprezo atribuídos a elas, cujas vozes passam a ser amplificadas somente na atualidade, em tom de denúncia, pelas gerações mais jovens.

As vozes femininas por si só também sempre foram abafadas na história, na literatura e na ciência. O fato do acesso ao ensino ter sido limitado ou quase nulo para as mulheres por muito

tempo – em 1827, é institucionalizada a primeira grande lei educacional do Brasil e, com ela, as primeiras escolas brasileiras para meninas - também retardou suas entradas no mundo da escrita e conseqüentemente no registro de acontecimentos sob sua perspectiva. “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p. 26). Os cânones da maioria das áreas do conhecimento são majoritariamente androcêntricos, deixando as mulheres fora da produção do conhecimento por séculos. No entanto, a partir da educação, o empoderamento pelo saber proporcionou as condições básicas para a reflexão e a conseqüente tomada de atitude das mulheres contra um sistema patriarcal que as oprime, delineando as primeiras manifestações feministas e a reivindicação de que a história também seja contada por elas e sobre elas, assim como a luta pela conquista do espaço e do mérito na produção do conhecimento como um todo.

Na última estrofe, Conceição fala da filha com esperança. Como mãe, a perspectiva é a de um mundo melhor para criá-la, neste caso, onde as pesadas correntes dos ancestrais escravizados sejam apenas uma herança da luta e da resistência e que sejam exemplo de força e coragem para que sua filha possa alçar voo e ser livre no mundo. A “fala” e o “ato” de seus versos indicam a revolução, as lutas, os movimentos, as passeatas e tudo o mais que for válido para que a discussão não cesse enquanto as mazelas das desigualdades sexual, racial e social não sejam resolvidas. O “eco da vida-liberdade” é também uma expressão muito simbólica, pois a autora opta por uma construção interessante - ela não utiliza simplesmente “vida”, pois qualquer ser humano pode tê-la, suas próprias ancestrais tiveram, mesmo que em condições precárias; Evaristo utiliza “vida-liberdade” criando uma outra categoria que é a da vivência livre, sem julgamentos ou preconceitos, com oportunidades e benefícios para o seu povo - uma vida feliz. Esse é o sonho de Conceição.

A plenos pulmões

Propôs-se com essa análise, interpretar o poema *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo, como um texto literário que vai além de seus limites intrínsecos, mas que constrói pontes com fatos históricos e dilemas culturais do Brasil. A partir dos Estudos Literários, Culturais e de Gênero, observou-se como os marcadores de gênero, raça e classe se apresentam no poema, a partir das vivências das cinco personagens: a bisavó, a avó, a mãe, o eu lírico e a filha. Reflete-se, por fim, que o racismo, o sexismo e o classismo são estruturas que marcam profundamente a história do Brasil e que ainda reverberam na constituição de sujeitos e de práticas sociais atuais no país. Nessa perspectiva, Leite & Nolasco (2019, p. 8-9) refletem que “uma literatura concebida a partir de um

corpo feminino negro, como a de Conceição Evaristo, somadas as suas sensibilidades biográficas, nos proporciona um olhar mais amplo a respeito da história da mulher negra no Brasil e de sua trajetória na literatura brasileira”.

Para além do conteúdo, o referido texto literário poderia ainda ser observado do ponto de vista de sua composição, afinal alguns recursos são utilizados pela autora para atribuir o ritmo poético ao longo dos versos e estrofes. A repetição de “a voz de” no início de quase todas as estrofes foi trazida já ao longo das análises, mas é possível citar outras formas observadas na composição poética. A aliteração aparece na repetição de alguns fonemas consonantais, com intuito de promover efeitos sonoros específicos, como em “porões” e “perdida” ou “voz”, “bisavó” e “navio”, na primeira estrofe. A assonância, constituída pela repetição de sons vocálicos, aparece, por exemplo, na penúltima estrofe, com a escolha das palavras “todas”, “nossas” e “vozes”, em sequência, e “caladas”, “engasgadas” e “gargantas”, também no mesmo estilo.

Há também possibilidades de interpretação a partir da recorrência do verbo “ecoar” e do substantivo “eco”. No sentido estrito da palavra, o eco é uma reflexão sonora que chega ao ouvinte um tempo depois do som emitido. A memória ecoa, no poema, entre passado, presente e futuro, em um movimento crescente mas sempre dialético, que vai desde o emudecimento nos lamentos da bisavó, passando pelo silenciamento da avó, pelo sussurro da mãe, e chegando, finalmente, à expressão, por meio dos “versos perplexos” do eu lírico e da fala e do ato que a filha faz ao recolher essas vozes por tanto tempo ignoradas, construindo, enfim, as condições necessárias para uma enunciação ativa, que visa a tomada de atitude contra a opressão.

Segundo Maurice Halbwachs (1990, p. 34), a memória nunca é exclusivamente individual, mas sim, coletiva, pois para o processo de rememoração,

[...] não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.

Retomando as vozes-mulheres ancestrais, a voz-mulher atual recolhe as dolorosas passagens por uma vida de sofrimento e abre a possibilidade de conquistar, finalmente, uma “vida-liberdade”. Elódia Xavier (1991, p. 12) acredita que “a literatura de autoria feminina é uma resistência à ordem pela qual a escrita literária ficou restrita aos homens, excluindo as mulheres do cânone tradicional. Os resultados no interior dessa ordem são a continuação da retificação do poder pela escrita, a luta contra ele e uma escrita rumo à identidade”. Conceição Evaristo, como ela mesma relaciona com o neologismo da “escrevivência”, se utiliza da escrita como empoderamento pois, como descrito no

poema *Vozes-Mulheres*, após muitas gerações antes da sua terem seu sofrimento silenciado, hoje ela recupera suas vozes em seus textos e as amplifica, levando-as para a projeção internacional, com livros traduzidos em diversos idiomas.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BORDINI, Maria da Glória, Estudos culturais e estudos literários. **Letras de Hoje**, v. 41, n. 3, p. 11-22, 2006.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos A. (Org). In: **Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p 16-21.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública; DATAFOLHA, Instituto de Pesquisa. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 3. ed. Brasília: FBSP, 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização por Flávio Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

LEITE, Viviani Cavalcante de Oliveira; NOLASCO, Edgar César. Conceição Evaristo: escrituras do corpo. **RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, v. 5, ed. especial, 2019.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 9 - 41, 2000.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira. Memória e Literatura: contribuições para um estudo dialógico. **Linguagem em (Re)vista**, n. 11/12, 2011, p. 92-104.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. SIPPEL, Juliano. A escrituras de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 20,

n. 2, p. 36-51, 2019.

RODA VIVA. **Conceição Evaristo explica o conceito de “escrevivência” e relação com mitos afrobrasileiros.** YouTube: 6 de setembro de 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

XAVIER, Elódia (Org.). **Tudo no feminino:** A mulher e a narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

Recebido em: 01 de julho de 2022.

Aprovado em: 03 de setembro de 2022.